



INTRODUÇÃO AO ESTUDO HISTORIOGRÁFICO DO FASCISMO: CRÍTICA AO PONTO DE VISTA MARXISTA E À “TEORIA GERAL DO FASCISMO”

Julio César Puro Feitosa, Lucas Ferreira Furlan

Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Presidente Prudente-SP. E-mail: jcpuro.feitosa01@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho oferece uma análise introdutória do fenômeno fascista por meio de um estudo historiográfico detalhado, com um foco especial na comparação entre a perspectiva “marxista” e a “teoria geral do fascismo”. A relevância deste estudo é particularmente evidente no contexto atual, onde o termo “fascismo” é frequentemente usado de maneira imprecisa e muitas vezes tendenciosa para deslegitimar adversários políticos. Esse uso incorreto e às vezes político contribui para uma definição vaga e variável do fenômeno fascista. O trabalho busca definir o fascismo com base nas principais correntes interpretativas dominantes, examinando as limitações e os pontos fracos dessas análises. Além disso, a pesquisa propõe uma conceituação mais robusta e precisa do fascismo, fundamentada em uma abordagem historiográfica rigorosa que busca oferecer uma compreensão mais clara e fundamentada do fenômeno. Essa abordagem pretende contribuir para um debate mais esclarecido e menos polarizado sobre o fascismo.

Palavras-chaves: Fascismo; Marxismo; Teoria Geral do Fascismo.

INTRODUCTION TO THE HISTORIOGRAPHICAL STUDY OF FASCISM: CRITIQUE OF THE MARXIST PERSPECTIVE AND THE “GENERAL THEORY OF FASCISM”

ABSTRACT

This work provides an introductory analysis of the fascist phenomenon through a detailed historiographical study, with a special focus on comparing the “Marxist” perspective and the “general theory of fascism.” The relevance of this study is particularly evident in the current context, where the term “fascism” is often used in an imprecise and sometimes biased manner to discredit political opponents. This incorrect and occasionally political usage contributes to a vague and variable definition of the fascist phenomenon. The work seeks to define fascism based on the main dominant interpretative currents, examining the limitations and weaknesses of these analyses. Additionally, the research proposes a more robust and precise conceptualization of fascism, grounded in a rigorous historiographical approach aimed at providing a clearer and more well-founded understanding of the phenomenon. This approach intends to contribute to a more informed and less polarized debate about fascism.

Keywords: Fascism; Marxism; General Theory of Fascism.

1 INTRODUÇÃO

Um dos termos que mais teve seu significado devaneado e foi utilizado de maneira deliberadamente equivocada foi o “fascismo”. Os termos “fascismo” e “fascista” são comumente utilizados para taxar líderes políticos autoritários, líderes políticos democraticamente eleitos, bem como, arruaceiros do futebol, fanáticos, skinheads, vândalos de cemitérios, antissemitas, terroristas e qualquer um mais que se queira incluir na categoria (Gregor, 2005, p. 3), não obstante, como *argumentum ad hominem* para desqualificar quaisquer adversários. O que se tem hoje por fascismo é um adjetivo genérico, na qual, se utiliza para tudo e todos, sem qualquer análise séria. Mas de fato, quem ou o que se pode conceituar como fascista?

Quando em meados de 1975 o historiador De Felice propôs enfrentar o problema histórico do Fascismo, fora alvo de diversas críticas, sendo acusado principalmente de “tentar reabilitar o fascismo”. Segundo seus críticos, não havia uma necessidade de um estudo documental e de pesquisas a respeito do Fascismo, “pois o sofrimento do povo italiano bastava para explicar o fascismo” (Volpe *et al.*, 1976, p. 5).

Todavia, o que de fato De Felice quis apontar quanto a necessidade do estudo concreto do Fascismo era a negação de seu caráter revolucionário, que muitas vezes, se não todas as vezes, foi suprimida para dar lugar a explicação do Fascismo apenas como um mal irracional de “extrema-direita”. Tais afirmações, embora sempre acompanhadas de seu transparente antifascismo, em certa medida, foi capaz de chocar algumas pessoas.

A conclusão lógica era de que seu “antifascismo” era uma máscara para sua verdadeira intenção: reabilitar o fascismo (Gregor *et al.*, 1976). Ora, De Felice quis contrariar o que qualquer pessoa “minimamente intelectual” sabia, que o fascismo era “contra-revolucionário”, “conservador”, “reacionário” e “irredutivelmente de direita”, propor algo assim, significa enfrentar certa censura por parte de certos estudiosos e o desprezo por parte do público (Gregor *et al.*, 1976, p. 132).

Sua metodologia de pesquisa era simples, se “conectar” com o fascismo, lendo suas obras primárias. Não se procurava estudar o fascismo sobre a análise de autores que propuseram explicar o Fascismo à luz apenas do que foi o regime fascista, mas sim, o que levou a criação da ideologia fascista, quais eram suas bases e quais seus reflexos, de fato, quais eram os valores e as condições da época que levaram ao surgimento do Fascismo. Tal metodologia pode ser chamada de historiográfica, uma vez que analisa a história por bases documentais.

Ao escolher estudar determinado assunto por seus ferrenhos críticos, corre-se o risco de receber um material que muitas vezes pode estar comprometido sobre diversos aspectos, ignorando substancialmente elementos importantes para a compreensão, a exemplo, ao estudar o que Marx pensava, note-se, não as consequências de seus pensamentos, mas sim, o que de fato defendia, se faz prudente ler o próprio Marx.

Nesta esteira, não se está aqui defendendo que qualquer material produzido por um crítico de determinado sistema ou modelo tenha necessariamente sua credibilidade comprometida, mas apenas, se chamando a atenção para o fato, infelizmente muitas vezes desprezado, de que não se pode construir uma adequada compreensão do objeto de estudo sem uma análise primária as fontes produzidas por seus próprios construtores.

Tal lógica é válida para o estudo do Fascismo, e neste caso, pode se dizer em que um grau ainda maior, pois, tal regime totalitário além de suprimir liberdades, participou diretamente da Segunda Guerra Mundial como um ator de destaque, contribuindo para a devastação de toda a Europa, ceifando vidas e causando diversas chagas que até hoje ecoam na sociedade Italiana.

Certamente que se seus autores e obras forem ignorados ao discutir tal tema, corre-se o risco de uma abordagem enviesada que pode subverter determinado fato, e por melhores que sejam as intenções, acabar por ter um efeito contrário.

Alinhado ao entendimento de De Felice, estão autores que fizeram uma grande contribuição para o entendimento concreto do Fascismo como Emilio Gentile, Marco Tarchi, Anthony James Gregor, Antonio Messina e João Eigen. Desta forma, todos os autores que estudam o fascismo por fontes primárias, mesmo que em seu escopo metodológico divergem quanto a determinados aspectos, chegam à conclusão de que o Fascismo possuía uma ideologia, era um movimento revolucionário de bases sindicalistas, nacionalistas, que deu origem a um Estado-ético corporativista e principalmente, uma ideologia única.

Contrário a tais entendimentos, estão os autores de viés marxista que peroram que o fascismo é fruto do capitalismo como forma de se salvar da “determinística revolução proletária”, e que se sempre se manifesta quando o “grande capital” está colapsado, existe também uma linha denominada de “generalistas”, estes, advogam que o Fascismo não foi apenas o fenômeno italiano, mas sim é o gênero dos fenômenos autoritários, seria o fascismo “reacionário”, “ultranacionalista”, “antiliberal”, “antisocialista”, “antidemocrático” e “extremismo de direita”, que se modifica conforme a realidade da sociedade, e que se manifesta em uma pluralidade de movimentos e regimes, uma espécie de “Teoria Geral do Fascismo”.

Já na época em que De Felice começou seu revisionismo (em sentido positivo), e principalmente hoje, tais correntes são as mais dominantes. A exposição a seguir tem como objetivo expor os pontos e conclusões de ambas as vertentes: generalistas e marxistas; evidenciando suas insuficientes análises, se seguindo pela conceituação do Fascismo sob a ótica historiográfica.

2 METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado a partir de pesquisas bibliográficas em fontes como livros e documentos de autores renomados no estudo do fascismo. O primeiro estágio da metodologia envolveu uma revisão bibliográfica minuciosa das principais correntes interpretativas sobre o fascismo. A pesquisa concentrou-se em duas vertentes dominantes: a interpretação marxista e a teoria geral do fascismo. A seleção de fontes foi orientada por obras de referência que são consideradas obras de destaques e elucidativas. Em seguida, procedeu-se à análise crítica dessas correntes interpretativas. Essa etapa envolveu uma leitura detalhada e comparativa dos textos selecionados, com o objetivo de identificar os pontos de divergência entre as diferentes interpretações do fascismo e suas similaridades com a realidade fática. Foram destacados os principais argumentos, conceitos e categorias utilizadas por cada vertente, assim como suas respectivas limitações e falhas na compreensão do fenômeno. Por fim, desenvolveu-se uma conceituação do fascismo fundamentada em uma abordagem historiográfica robusta, com base em autores que compreendiam o fascismo a partir da própria ideologia fascista. Com base nesta análise crítica, a integração das perspectivas dos autores estudados, particularmente A. James Gregor e Emilio Gentile, foi possível a construção de uma definição mais precisa e real, livre de compromissos políticos e ideológicos, o que possibilitou compreender o fascismo de maneira elucidativa.

3 OBJETIVO

O objetivo desta pesquisa é contribuir para a introdução ao estudo historiográfico do fascismo no Brasil, providenciando uma melhor conceituação do fenômeno fascista, visando oferecer uma compreensão mais realista e fundamentada. O foco está em superar as limitações das análises predominantes nos círculos acadêmicos, que frequentemente se mostram insuficientes ou até contraditórias em relação aos documentos e ideais originalmente defendidos pelos próprios fascistas. Ao revisar e criticar essas análises dominantes, a pesquisa busca identificar e corrigir discrepâncias, garantindo que a definição proposta reflita de forma mais fiel as características e dinâmicas do fascismo tal como ele se manifestou historicamente. Essa abordagem permite uma reavaliação crítica das interpretações existentes, destacando as falhas e lacunas que surgem quando se estuda o fascismo sem se fundamentar no próprio fascismo. O objetivo é oferecer uma visão mais robusta e coerente, que possa contribuir significativamente para o debate acadêmico e para a compreensão geral do fenômeno fascista. Assim, a pesquisa não apenas enriquece a análise historiográfica do fascismo, mas também proporciona uma base mais sólida para futuras investigações e discussões sobre o tema.

4 DISCUSSÃO: A TEORIA GERAL DO FASCISMO

A leitura generalista, conforme semântica do próprio termo, compreende o “fascismo” como uma “teoria geral”, tem-se que o fascismo não foi um regime único na Itália, mas sim uma ideia autoritária que se manifesta de diversas formas. Para Griffin (2006, p. 51), por exemplo, o conceito conciso de fascismo é “gênero de ideologia política cujo núcleo mítico em suas várias permutações é uma forma palingenética de ultranacionalismo populista”.

Desta forma, entende-se que o fascismo italiano não fora um “fascismo puro” e único, não é considerado uma expressão autêntica do fascismo, mas apenas uma de suas “variadas formas” dada a sua tendência para ser “polimórfico” e fazer parte de uma “vasta família estendida de permutações relacionadas do mesmo tipo” (Messina, 2023, não paginado).

A conclusão que se segue, conforme a definição estabelecida para o “fascismo” é que regimes e movimentos “ultranacionalistas populistas” serão regimes fascistas, tanto o fascismo de Mussolini, quanto o nacional-socialismo de Hitler ou qualquer outro movimento, ideologia ou regime que possuir tais características similares, serão “fascistas”, institui-se uma espécie de “teoria geral do fascismo”, que servirá como base para explicar esses fenômenos.

Desta maneira, ignoram-se as profundas diferenças que existem entre os movimentos, as ideologias e os regimes em prol de enquadrá-los em um único conceito (Messina, 2023, não paginado), a exemplo, a grande maioria dos movimentos e identidades políticas que emergiram com discursos atrelados ao populismo e ao nacionalismo (normalmente ideias vinculadas a direita política) foi taxada de “fascistas” e acusados de estarem manifestando o “fascismo” no mundo.

Nesta mesma esteira, a maioria dos autores que surgiram nas últimas décadas busca explicar o fascismo sob a base do axioma do “fascismo e extrema-direita”, fundem o fascismo ao nacional-socialismo

e a direita política em uma única categoria de assunto, geralmente identificada como "fascismo", "neofascismo" ou "extremismo de direita", como se todos constituíssem uma única classe de referência (Gregor, 2006):

O que permaneceu constante ao longo de sete décadas foi a convicção incorrigível de que o "fascismo paradigmático", o fascismo de Mussolini, era "baseado em mitos, intuição, instinto... e no irracional, em vez de um sistema cuidadosamente argumentado baseado em uma análise detalhada de tendências históricas, políticas e econômicas." Dada tal caracterização, o Fascismo italiano foi considerado a fonte anti-intelectual de todos os movimentos políticos "de direita" do último século. Na verdade, alguns comentaristas afirmaram que todos os movimentos de direita contemporâneos encontram sua origem em um único "Ur-fascismo" - *uma fons et origo malorum* identificável. [...] Como consequência, o estudo do Fascismo italiano é tratado como a introdução para a escrutínio da psicopatologia política contemporânea de direita - incluindo todos os grupos, movimentos ou regimes que foram identificados por alguém como "fascistas" a qualquer momento durante o século XX, e agora o século XXI - assim como qualquer um que possa estar de alguma forma associado a uma forma de irracionalismo e violência criminal (Gregor, 2005, pp. 2, 3, tradução nossa).

Jason Stanley (2018) em *How to Fascist Works* estabelece que o fascismo possui uma política de "nós" e "eles", sendo "nós" os fascistas, e "eles" aqueles que são "inimigos da sociedade", portanto, devem ser combatidos. Ao decorrer de seu trabalho, elenca algumas características que configuram o "fascismo", como por exemplo, o "anti-intelectualismo", "violência", e a "ansiedade sexual".

Demonstra que a "política fascista", busca minar o discurso público e introduzir uma espécie de "esterilização" da educação e do conhecimento, restando apenas o "poder" e "identidade tribal". Outra característica intrínseca ao fascismo seria seu "irracionalismo" e "irrealidade". No fascismo, não há lugar para debates e argumentações, tudo se torna raiva e ataques aos "inimigos":

a política fascista substitui o debate racional pelo medo e pela raiva. Quando bem-sucedida, seu público fica com um senso de perda desestabilizado e um poço de desconfiança e raiva contra aqueles que, segundo lhes foi dito, são responsáveis por essa perda" (Stanley, 2018, p. 116).

Através desta manipulação que mina o discurso acadêmico e destrói o debate público, criando espaços para o "ódio" e "posicionamentos irracionais", as democracias são corrompidas pelos "políticos fascistas", havendo agora todo o sistema democrático em seu favor, se estabelece um "regime fascista". Para Stanley, os recentes discursos anti-imigratórios, nacionalistas e populistas dos republicanos nos Estados Unidos da América seriam um bom exemplo dessa política fascista, e Donald Trump junto à "extrema-direita" seria um dos representantes dessa nova manifestação "fascista". Ademais, assimila o Fascismo ao nacional-socialismo, tratando-os como se fossem a mesma coisa.

No vagalhão da generalização, se ignora boa parte, se não, toda a gama de intelectuais e obras produzidas durante o regime fascista. Norberto Bobbio, por exemplo, preleciona que o fascismo não tinha qualquer tipo de ideologia, na verdade, sua ideologia era a própria violência:

[...] O fascismo trazia a violência no corpo. A violência era a sua ideologia", Mas Bobbio, com seu mais profundo realismo, critica no fascismo não tanto o recurso à violência em si, tão presente na Itália fascista quanto na pré-fascista (embora naquela em maior grau que nesta), mas o apego a uma violência vazia, violência pela violência, antidoutrinária, anticivilizacionista, ultrabelicista, apegada ao aristocratismo simplista, ao racismo, ao dogmatismo e ao niilismo mais vulgar, em resumo, à ideologia da pura negação [...] (Bobbio, 2007, p. 27, apud Salatini, 2012, p. 2).

Toda essa visão generalista, acrescida ainda do conceito de "eternidade" é muito bem sintetizada em Umberto Eco, "O fascismo eterno". Para Eco, existe uma espécie de "Ur-fascismo", em sua exposição, advoga que o fascismo é um sistema eterno, que se manifesta em diversos movimentos políticos, personalidades e épocas diferentes, muitas vezes sob novas entidades e na defesa de novos ideais, podendo até mesmo "se contrariar".

Indica ainda uma lista de características que são comuns ao "fascismo eterno", sendo elas: culto à tradição, tradicionalismo e recusa da modernidade, o irracionalismo e o culto da ação pela ação,

sincretismo, desacordo, frustração individual, nacionalismo, culto a guerra, elitismo, culto ao heroísmo, questões sexuais e populismo qualitativo:

A despeito dessa confusão, considero possível indicar uma lista de características típicas daquilo que eu gostaria de chamar de “Ur-Fascismo”, ou “fascismo eterno”. Tais características não podem ser reunidas em um sistema; muitas se contradizem entre si e são típicas de outras formas de despotismo ou fanatismo. Mas é suficiente que uma delas se apresente para fazer com que se forme uma nebulosa fascista (Eco, 2018, p. 35).

Com padrinhos como o jurista Norberto Bobbio e o literato Humberto Eco, grandes nomes em seus meios acadêmicos, certamente que tal entendimento de desconsiderar a ideologia fascista a ponto de resumi-la apenas em “violência” e posteriormente relatar sua “eternidade”, gozou de certa aceitação e coerência, não só pela academia em geral, mas por toda a sociedade. Desta forma a “teoria geral do fascismo eterno” foi, e ainda é fortemente disseminada (Petrosillo *et al.*, 2021, p. 218–219).

Em que pese divergências metodológicas e as realidades de cada estudo, um dos pontos sempre evidenciado em todos os entendimentos, se trata da alegação de que o “fascismo se modifica”, “se adapta” e “se manifesta de diversas formas”, Eco vai ainda mais longe, e advoga que nessas adaptações “características essenciais” do fascismo podem nem mesmo aparecer ou até mesmo se contradizer (Eco, 2018, p. 35).

Desta maneira, abre-se um precedente perigosíssimo para o debate público, pois, se o “fascismo” pode se manifestar de diversas formas, sejam elas muitas vezes contrárias entre si, qualquer um, a qualquer momento, pode simplesmente criar sua concepção de fascismo e tornar qualquer outro um “fascista em potencial”. Essa situação, se comprova na prática, pois, durante décadas de esforço para conceber uma teoria geral do fascismo visando combatê-lo, cada vez mais, surgem “novos fascistas” (Gentile, 2019).

Em suma, a linha de estudo que postula uma “Teoria Geral do Fascismo”, inevitavelmente, ignora elementos essenciais que dão fundamento ao “fascismo italiano” e parte para uma análise de conceitos gerais comuns ao autoritarismo. Seus problemas, no entanto, serão abordados em um tópico posterior, pois está não é a única corrente que se propõe a estudar o “fascismo”, para os marxistas, tem-se o capital financeiro como base do fascismo, que a seguir, ver-se-á.

4.1 O fascismo como capital financeiro: a interpretação Marxista.

A interpretação marxista do fascismo teve seu início em meados de 1920, quando socialistas italianos definiram o fascismo como um conjunto de “demagogia social, corrupção e terror branco ativo, unidos a uma extrema agressividade imperialista no campo da política externa”, ideologicamente se camuflando pelas ideias de “bem-estar-social” (Tarchi, 2015, p. 37).

No entanto, teve seu apogeu em 1935 quando Dimitroff (1935, p. 9) em um congresso bolchevique, proferiu as seguintes palavras: “o fascismo no poder é a ditadura terrorista aberta dos elementos mais reacionários, mais chauvinistas e mais imperialistas do capital financeiro”.

Tal análise foi difundida de maneira deliberada e mesmo no Pós-Guerra não foi mudada em uma vírgula (Messina, 2013, pp. 11-12), o “fascismo” era e continuava a ser uma arma do capitalismo para se manter no poder. Após o fim da guerra, o sentimento da dominância da URSS na Europa não era mais pautado no internacionalismo proletário, mas sim, em seu “antifascismo” (Gregor, 2021, p. 24):

Qualquer líder ou sistema político que se opusesse as ideias do marxismo bolchevique era taxado de “insira-o-prefixo-de-preferência-fascista”, todos os antifascistas não comunistas foram acusados pelos comunistas de serem fascistas disfarçados ou de estarem de alguma forma a serviço do fascismo (Gentile, 2019, p. 73), nem De Gaulle escapou:

Charles de Gaulle foi o general antifascista que liderou a França Livre contra o regime de Vichy durante a Segunda Guerra Mundial, continuando a resistência contra a ocupação nazista. Sua liderança foi crucial para a libertação da França. Quando de Gaulle foi chamado de volta ao poder em 1958 para lidar com a iminente ameaça de guerra civil devido à luta pela independência da Argélia, ele obteve a aprovação de uma nova Constituição que deu início à Quinta República. No entanto, todos os partidos que se opuseram a ele, especialmente os socialistas e comunistas, rotularam-no de “fascista”. O gaullismo foi considerado uma nova versão do fascismo, embora sob a aparência da República Francesa (Gentile, 2019, p. 29, tradução nossa).

Grande parte da literatura Brasileira sobre fascismo segue reproduzindo tal ótica, ainda em 1969 quando o estudo historiográfico estava sendo concebido, no entanto, já possuía obras concretas¹, Alberto da Rocha Barros produz o *que é fascismo?*, logo no prefácio de Moniz Moreira, é asseverado que o fascismo não constitui um fenômeno particular apenas da Itália e da “Alemanha”, surgindo de fato onde “o capital financeiro não mais consegue manter o equilíbrio da sociedade pelos meios normais de repressão” (Barros, 1969, p. 7).

Em paralelo, vale destacar a recente *Crítica do Fascismo*, de Alysson Mascaro e Alessandra Devulsky (2022), onde assumidamente diz-se que tal interpretação do fascismo é feita sob a ótica marxista, “será o marxismo o caminho filosófico materialmente crítico do fascismo” (Mascaro; Devulsky, 2022, p. 8). Durante boa parte da obra, faz uma crítica a visão “liberal” no estudo do fascismo, citando alguns expoentes teóricos de tal visão como Mises e Hayek, asseverando que “de baixo de todas as linhas metodológicas de críticas do ‘fascismo’, as mais abjetas delas são as que buscam igualar esses fenômenos aos socialismos” (Mascaro; Devulsky, 2022, p. 16).

Por fim, prossegue mencionando que o fascismo não pode ser derrotado pelas instituições democráticas, mas, a única coisa que pode derrotar o fascismo é o “socialismo” (Mascaro; Devulsky, 2022, pp. 180-182). Desta maneira, apenas o marxismo pode combater efetivamente o fascismo, as instituições democráticas não passam de “penduricalhos” que ajudam o sistema capital a continuar suas maquinacões e que abrem precedentes para a ditadura e o “fascismo” (Mascaro; Devulsky, 2022, p. 180).

Outro proeminente pensador de viés marxista que escrevera sobre o fascismo fora Leandro Konder, em *Introdução ao Fascismo*, já no prefácio de Mauro Luís Iasi pode-se destacar a seguinte passagem, que elucida muito bem o conteúdo de sua abordagem, “O que substancialmente Konder nos alerta é que o fundamento do fascismo como expressão política da direita mais conservadora deve ser encontrado em suas determinações de classe” (Konder, 2009, p. 17).

No mais, preleciona a necessidade última de assimilar o “fascismo” unicamente a direita política, “o conceito de direita é imprescindível a uma correta compreensão do conceito de fascismo, embora seja mais amplo do que este: a direita é o gênero de que o fascismo é uma espécie” (Konder, 2009, p. 27).

Uma das conceituações que autor traz como “direita” é que está, necessariamente, é “a representação de forças sociais empenhadas em conservar determinado privilégios”, ou seja, “conservar um determinado status socioeconômico que garante o estatuto da propriedade em que tais forças são beneficiárias” (Konder, 2009, p. 27-28), o que por si só tornaria assimilar o Fascismo única e exclusiva e direita algo paradoxal, uma vez que o com base em sua extensa doutrina, a ideologia de formação do fascismo era completamente revolucionária e visava justamente o oposto, destituir o *establishment* burguês e criar um corporativismo-sindical visando o desenvolvimento do proletário (Gregor, 2013). Ademais, tal entendimento conforme assevera Gregor (1999, p. 18) necessita de cautelas óbvias, por mais “fascista” que a “extrema direita” contemporânea possa ser, ela exhibe “diferenças gritantes dos movimentos fascistas do período entre guerras”.

Quanto tange, a definição que Konder estabelece para o fascismo não se difere muito da linha de seu método de pesquisa, segundo ele: “o fascismo é uma tendência que surge na fase imperialista do capitalismo”, procurando fortalecer suas bases, “é um movimento de conteúdo social conservador, que se disfarça de moderno”, sendo um movimento “chauvinista, antiliberal, antidemocrático, antisocialista e antioperário”, e que seu crescimento em determinadas nações se dá por conta do “capital financeiro” (Konder, 2009, p. 53).

Importante salientar que ao longo de sua obra utiliza de menções e informações concretas, pouco comentadas por outros marxistas e principalmente pelos “generalistas”, como por exemplo, quando explica a origem do nome “fascismo”, este surgindo da figura do “*fascio littorio*”, representando a união em movimentos sindicais (Konder, 2009, pp. 63-66):

No linguajar político italiano, o termo “*fascio*” era frequentemente utilizado no século XIX como sinônimo de associação na esquerda republicana e popular. Havia os “*Fasci operai*” no norte da Itália e os “*Fasci dei lavoratori siciliani*” no final do século XIX, e parece que foi em referência a estes últimos e sua agitação em 1893 que o adjetivo “fascista” foi usado pela primeira vez. Ele reaparece em 24 de janeiro de 1915 quando, anunciando no “//

¹ Até 1969 De Felice já havia escrito dois volumes bibliográficos sobre Benito Mussolini: *Mussolini il Revolucionario* de 1965 e *Mussolini il fascista* de 1966.

Popolo d'Italia" a reunião dos "*Fasci di azione rivoluzionaria*" para apoiar a intervenção da Itália contra os Impérios Centrais, Mussolini usou a expressão "movimento fascista" para descrever esses "núcleos de força e vontade", que "não têm e não querem ter as regras e rigidezes de um partido, mas são e querem continuar sendo uma livre associação de voluntários: prontos para tudo: trincheiras e barricadas. (Gentile, 2019, p. 24, tradução nossa)

Faz menções também a Giovanni Gentile², como no caso em que preleciona que assim como Gentile, outros intelectuais foram seduzidos pela face "revolucionária" da "direita" (Konder, 2009, p. 77), no entanto, a análise documental é relativizada em detrimento da dialética marxista, Giovanni Gentile era influente em alguns meios socialistas e sindicalistas desde muito antes do advento fascista (Gregor, 2013), ignora-se toda sua contribuição doutrinária da construção do estado neo-hegeliano idealista que legitimou o totalitarismo fascista em prol de resumir sua atuação em "ser seduzido pela direita revolucionária".

Cabe evidenciar também a "preocupação" de Konder ao risco da confusão acerca do termo fascista, bem como, da crítica a abordagem de De Felice, ao dizer que tal visão "conservadora" se mostra equivocada e que o fascismo, diferente do que se imagine, não é fixo, mas sim "se modifica", asseverando que a prudência científica de De Felice embora louvável, combina infelizmente "com uma inaceitável subestimação do capitalismo monopolista de Estado, do imperialismo e do fascismo (Konder, 2009, p. 170).

De Felice, ainda em 1975, já havia recebido críticas de caráter símile, rebatendo-as, asseverando que se tratava apenas de um discurso político, ao invés de científico, uma vez que não se discutiu os problemas da base de sua pesquisa, mas sim, os resultados que isso gerou dentro de alguns círculos ideológicos (De Felice, 1975, p. 111).

a. OS PROBLEMAS DE AMBAS AS METODOLOGIAS.

Com a definição das duas abordagens metodológicas, surgem os seguintes problemas estruturais em suas análises, que de fato distorcem o objeto de estudo, transformando-o em algo completamente diferente. A começar leitura marxista, já se inicia em uma cosmovisão impreterível de tal escopo ideológico: aquilo que "atrapalha" a revolução proletária, ainda que minimamente, é inimigo.

Nos círculos marxistas, os próprios camaradas passaram a ser os "fascistas", conforme assevera Emilio Gentile (2019, p. 34), a social-democracia, passou a ser chamada de "social-fascismo", pois, uma vez que haviam notado que o proletário havia se aburguesado e que a revolução proletária não mais ocorreria fatalisticamente, sendo necessário melhorar a condição do proletário através da democracia, só podiam ser "fascistas".

Por se opor diretamente a ditadura stalinista, o "trotskyismo" foi acusado de estar a serviço do fascismo e de atentar contra "o socialismo e a paz" (Vtshinsky, 1936). Qualquer um que não reconhecesse a hegemonia comunista na luta contra o fascismo, mesmo que fosse antifascista, era um "fascista" (Gentile, 2019, p. 36).

Qualquer ideia que se distanciava minimamente do marxismo era uma espécie de "fascismo", de um lado, os bolcheviques acusavam outros marxistas de serem "fascistas", doutro, marxistas acusavam os bolcheviques estarem cada vez mais parecidos com o regime fascista (Gregor, 2021).

Não obstante, os marxistas soviéticos, sendo aqueles que mais acusavam seus adversários de serem "os fascistas", demonstraram que ao longo da experiência soviética, esta, cada vez mais se assimilava ao regime fascista, o que de certo modo era inevitável, pois o fascismo e o leninismo/stalinismo possuem a mesma base revolucionária (Gregor, 2013):

[...] fato é que o Leninismo soviético, através de um processo de involução gradual, assumiu cada vez mais as características do Fascismo clássico. Não se pode considerar verdadeiro Fascismo apenas porque suas afirmações, dada a herança marxista, não conseguem fornecer justificativas suficientes para os aspectos mais significativos do

² Giovanni Gentile foi uma das figuras mais importantes a ideologia fascista, ministro de Estado e Filósofo oficial do regime fascista, Gentile fundamenta toda a construção da ideologia fascista e a o Estado como "*interiore homini*", concebendo o indivíduo como um todo complexo, um conjunto de relações que se expressam por meio da linguagem e da obediência às regras sociais, sem as quais ele não pode ser definido como outra coisa senão um ente material. Para Gentile, um indivíduo não pode existir ou ser concebido como separado da vida comunitária, exigida pelo seu próprio ser, e é isto que justifica o Estado como ente superior, pois, somente o Estado pode conceber o indivíduo em sociedade (Eigen, 2024, p. 249).

regime. Regimes revolucionários contemporâneos fundados em movimentos de massa (um dos quais é o da União Soviética) parecem ter todos a tendência de assumir cada vez mais as características de totalitarismos nacionais de tipo fascista (Gregor, 2013, p. 424, tradução nossa)

Com isto, a análise marxista se mostra enviesada, não sendo viável o estudo concreto da ideologia fascista por sua lente, uma vez que não há como garantir a lisura dos resultados, não se pode deixar a historicidade de um fato ser contaminada pela visão de mundo do historiador, não se trata, portanto, de deslegitimar a escola marxista, mas sim de atestar sua suspeição para tal caso. É válido lembrar, como ensinou Messina (2013), que foi devido a escola marxista que o fascismo teve seu conceito primariamente deturpado:

No pós-guerra, a escola marxista não alterou nem uma vírgula de seu pensamento e **exerceu uma forte influência em grande parte da historiografia subsequente**, que continuou a ver o fascismo como um regime contrarrevolucionário, desprovido de uma ideologia orgânica e coerente que não fosse uma mera defesa dos interesses particularistas da burguesia italiana. Estudiosos liberais como Karl Popper e Norberto Bobbio, assim como estudiosos marxistas, negaram qualquer consistência ideológica autônoma ao Fascismo e até mesmo negaram a possibilidade de existência de uma "cultura fascista". Foi precisamente essa miopia historiográfica e politológica que impediu, por muitas décadas, um estudo objetivo e livre de preconceitos sobre o fenômeno em questão, relegando-o definitivamente à categoria de um "mal absoluto" desprovido de raízes intelectuais credíveis (Messina, 2013, p. 11-12, tradução nossa, grifos nosso).

Partindo para o problema da análise genérica, não se analisa o fascismo como uma ideia *sui generis*, mas sim, como um "mal aberto", como uma "teoria geral" que pode ser aplicado a tudo e todos, se exclui todas suas características próprias em detrimento de generalizações simplórias e divagantes. O Fascismo não é mais analisado tendo como base seu corporativismo e seu Estado ético, nem seus próprios autores, mas sim, é adequado genericamente a um adjetivo-pejorativo, conforme pontua Messina, tais análises não buscam compreender o fascismo, mas sim inventar (Messina, 2023, não paginado). Para fins de elucidação, propõe-se a substituição [nazismo] por qualquer outro movimento ou regime com viés autoritário do século XX e XIX:

Em resumo, as diferenças entre o fascismo italiano e o nazismo são enormes; são dois mundos, duas tradições, duas histórias tão distintas que é extremamente difícil reunir tudo em um discurso unificado. Não concordo que seja impossível encontrar um denominador comum mínimo; no entanto, é necessário identificá-lo e estabelecê-lo claramente de maneira concreta. Hoje, posso fazer algumas conjecturas e dizer que para isso e aquilo existe um denominador comum, mas para todas essas outras coisas não. No entanto, são necessários estudos sérios, aprofundados e concretos para determinar o que é esse denominador comum mínimo. É por isso que sou contra generalizações (De Felice, 1997, pp. 24-25, apud GOESCHEL, 2013, p. VIII, tradução nossa)

Essa linha metodológica segue uma tendência que Emilio Gentile (2013) denomina de "defascistização" do fascismo, uma completa ignorância e esquecimento de atributos que lhe foram próprios e que caracterizaram sua individualidade histórica. A "defascistização" do fascismo se manifesta de várias formas, por exemplo, negando a existência de uma ideologia fascista (resumindo a violência) ou uma cultura fascista.

Na mesma linha do asseverado, Emilio Gentile (2019, p. 29), categoriza tal abordagem como astoriológica, comparando que analisar a história desta forma equivale a análises astrológicas de tarot, enfatizando que este tipo de abordagem banaliza o objeto analisado, situação qual a história se mistura com a imaginação e preconceitos pessoais, que predominam sobre a análise reais dos fatos, os quais desconfiguram a verdadeira imagem do objeto estudado e os transformam e produtos profundamente diferentes.

Chama também a atenção para o problema da generalização, ora, se existe um fascismo genérico, por que a não existência de um "bolchevismo genérico" e um "liberalismo genérico", qual a característica

que torna essas ideologias *sui generis*, enquanto o Fascismo pode ser genérico? (Gentile, 2019, p. 28), bem como, elucida o problema de atribuir a “eternidade” a um fenômeno como o Fascismo:

Introduzir a eternidade na história humana, atribuir eternidade a um fenômeno histórico, ainda que com as melhores intenções, envolve uma grave distorção do conhecimento histórico. —, sem então considerar, que este atributo da eternidade está reservado apenas ao fascismo, pois, não existem teorias sobre o “eterno jacobinismo”, o “eterno liberalismo”, o “eterno nacionalismo”, o “eterno socialismo”, o “eterno comunismo”, o “eterno bolchevismo”, “anarquismo eterno” e assim por diante. Na realidade, a tese do fascismo eterno se baseia no uso de analogias, que costumam produzir falsificações no conhecimento histórico (Gentile, 2019, pp. 4-5, tradução nossa).

Negar a existência de uma ideologia fascista, que manifesta seus anseios políticos e princípios, e reduzi-la a generalizações simplistas pode levar a uma compreensão inadequada de sua ascensão, bem como da forma e dos motivos pelos quais diversos regimes se inspiraram no regime fascista (Gentile, 2012, pp. 89-90). Ora, “para evidenciar que o fascismo quis dotar-se princípios coesos e encadeados, solidamente fixados e sistematizados num compendio especial basta ler a Doutrina do Fascismo” (Messina, 2023, não paginado).

No mais, tal conduta generalizante atrapalha estudos concretos sobre o próprio fascismo e sobre os fenômenos políticos atuais, o resultado disto é que o “atual-fascismo” vai desde De Gaulle, a Juan Perón, a ditadura dos coronéis na Grécia, ao Presidente Nixon, aos regimes militares da América Latina, a figuras como Jair Bolsonaro e Donald Trump, as democracias burguesas e até mesmos aos regimes socialistas (Gentile, 2019, p. 27):

Existem duas opções acerca de tal situação, ou se delimita o Fascismo com bases documentais, ou se deixa para a subjetividade do historiador, do ideólogo ou do propagandista incluir a sua vontade no rol de “fascismos”, movimentos que ele considera classificáveis sobre esse nome, mesmo que substancialmente, pouco, ou, nada se pareça com a ideologia fascista (Gregor, *et al.*, 1976), se a primeira opção for acolhida, não se está fazendo ciência, mas sim ativismo.

Se o motivo por trás da busca pela concepção de uma “teoria geral do fascismo” é o desejo de evitar o advento de forças políticas antidemocráticas e autoritárias, esta, se mostrou completamente equivocada e ineficaz, a realidade é que o advento de regimes autoritários não pode ser exclusivamente atribuídos ao Fascismo, ao “fascismo genérico” ou ao “neofascismo”, o século XX está imerso na triste história de violações em massas de direitos humanos sob os auspícios de regimes revolucionários tanto “de esquerda” quanto “de direita”, ao buscar identificar as forças responsáveis pela violação dos direitos humanos que marcam e marcaram negativamente o século XX e XXI demonstra que limitar nosso escrutínio ao Fascismo, “fascismo genérico” ou “neofascismo” dificilmente serviu e servirá ao propósito (Gregor, 2006, p. 256-260).

4.2 O fascismo à luz da historiografia

Cabe primeiramente destacar que delimitar o Fascismo não é uma tarefa fácil, a prolixidade da atual visão sobre tal fenômeno não é mérito tão somente dos estudos muitas vezes políticos, mas sim, de sua complexidade, sua extensa base intelectual e suas aparentes contradições.

Até mesmo os autores que se dedicaram a um estudo profundo em fontes primárias, divergem em certos conceitos e metodologias, a exemplo, De Felice possui uma interpretação muito mais alinhada a uma espécie de “Mussolinismo”, o Fascismo enquanto regime para De Felice, por exemplo, se tratava muito mais de uma ditadura pessoal de Mussolini do que qualquer anseio ideológico que pregavam enquanto movimento. (Gorla, *et al.*, 2021, p. 66-70).

No tocante, Emilio Gentile advoga sobre uma espécie de “religião política”, e que o Fascismo se tornara uma religião sacral estruturada em um mito. já Gregor, possui uma linha de pensamento que aborda várias facetas do Fascismo, dessarte, não se observa, portanto, nenhum momento de conflito entre tais pensadores, mas sim uma continuidade ideal e um processo de referência contínua que certamente pode contribuir para uma compreensão cada vez mais profunda do fenômeno fascista (Gorla, *et al.*, 2021, p. 85).

Salvo ínfimas divergências, a conclusão que se segue do estudo daqueles que analisam o Fascismo por fontes primárias, é que se trata este de uma ideologia de bases sindicalistas, nacionalistas e idealistas, que se tornou uma ditadura totalitária desenvolvimentista e corporativista (Gregor, 2013).

Sendo o principal representante de tal ideologia, Benito Mussolini. Este que está ligado de forma inseparável ao fascismo, fora uma figura excêntrica e complexa, e um dos pilares da ideologia Fascista. Para entender como surge o fascismo, é necessário, portanto, entender um pouco da figura de Mussolini.

Para compreender a carreira política de Benito Mussolini, especialmente seu envolvimento com o socialismo italiano, suas ideias, divisões e impacto, do final do século XIX ao início da Primeira Guerra Mundial, requer-se uma análise detalhada que geralmente não foi realizada (Scala; Gentile, 2016, p. 2).

As leituras mais superficiais de Mussolini o associam apenas a um ente retórico, um oportunista sem escrúpulos, que se utilizava de suas demagogias para manipular as massas proletárias e que manipulou a Itália para seu projeto pessoal de poder, tal afirmação condiz com a realidade, no entanto, é necessário entender que o fascismo como se concebe só surgiu por que Mussolini era de fato um intelectual, e principalmente durante boa parte de sua vida, um socialista revolucionário (Gregor, 2013, p. 26).

Nas palavras do próprio, “de uma única doutrina, eu trazia a experiência vivida: a do socialismo de 1903-1904 até o inverno de 1914, cerca de uma década” (Mussolini, 1961, p. 122), tendo em vista a sua atividade revolucionária foi possível o contato com os mais diversos pensadores socialistas, sindicalistas, idealistas, nacionalistas e revolucionários em geral, resultado em uma maturação de seus ideais.

Em 1903, por exemplo, num congresso sindicalista na Suíça, Mussolini conhece Angelo Olivietti, Arturo Labriola e Sergio Panunzio, Panunzio e Olivietti vieram a serem alguns dos mais importantes doutrinários do fascismo (Gregor, 2013, p. 128). Mussolini ao longo de sua vida experimentou os mais diversos saberes revolucionários, ora um marxista ortodoxo determinista:

As diferenças de classes produzem um interesse de classe, o interesse um contraste, o contraste antagônico a luta de classes... O proletariado, ou a nova classe é o resultado da produção capitalista... o socialismo inevitavelmente germina de novas relações econômicas. [...] O interesse material é a mola mestra das ações humanas, e toda as superestruturas ideológicas da sociedade (arte, moral, religião) são o reflexo e o resultado das condições econômicas e mais precisamente do modo econômico de produção (Mussolini, 1951, pp. 43, 103, tradução nossa)

Ora um socialista que entenderá que o determinismo marxista era uma falha que a questão das nacionalidades tinha de ser levada em conta:

A origem do nosso mal-estar psicológico é esta, nós socialistas, nunca examinamos os problemas das nações. A internacional nunca tratou disto; a internacional está morta, dominada pelos acontecimentos. É claro que a Nação representa uma etapa do progresso humano, ainda não superada... O sentimento de nacionalidade existe e não pode ser negado! O velho antipatriotismo acabou. (Mussolini, 1952a, pp. 427-428, tradução nossa)

Sendo este o fato que possibilitou a construção ideológica do fascismo. Diferentemente do que se propaga, fascismo não é apenas uma “retórica”, “uma violência pela violência” ou a representação máxima do “capital financeiro”, o fascismo na verdade, surge como um movimento alternativo ao liberalismo-democrático e ao socialismo-científico-marxista, possuindo as bases no socialismo-heterodoxo de Benito Mussolini (Gregor, 2013).

É um movimento, dar-se-á ênfase: revolucionário, antiburguês, anticapitalista, e antimarxista-leninista, que nas palavras de Gregor (2021, p. 29), perdeu seus princípios por conta de um restauracionismo, historicamente estereotipado, inexato e acometido de amnesia.

Quando em 27 de outubro de 1922, Mussolini e seus correligionários marcharam sobre a capital da Itália, reivindicando o governo, tendo tal evento ficado conhecido como “Marcha sobre Roma”, não se tratava apenas de um grupo autoritário reivindicando o governo da Itália, mas sim, de uma virada intelectual, a virada de um intelectualismo coletivista e totalitarista, que fora sendo construída desde o *risorgimento* de Mazzini³ (Eigen, 2023):

³ Giuseppe Mazzini, foi um revolucionário e pensador político italiano, participante entusiasmado do *Risorgimento*. Este último, foi um movimento político e ideológico que buscou unificar a Itália no período que corresponde a 1815 a 1870 (EIGEN, 2023, pp. 31-55).

Quando as hostes de camisa negra marcharam pesadamente sobre Roma naquele outubro de 1922 numa demonstração e força que levou Benito Mussolini ao cargo de primeiro-ministro, a mais rasa interpretação se limita a ver apenas um grupo autoritário se aproveitando do caos institucional do pós-guerra para destruir as instituições democráticas da frágil Itália, mas há algo muito mais profundo nesse acontecimento. A transformação de Benito Mussolini em duce não representa apenas a instauração de uma ditadura personalíssima, mas o coroamento de uma gigantesca virada intelectual que já se agitava há décadas, a confluência do vagalhão antiliberal promovido por nacionalistas, sindicalistas e idealistas com o auxílio de uma enraizada sociologia elitista cujos autores mais promissores estavam entre os mais destacados intelectuais italianos da época (Eigen, 2023, p. 406).

A realidade política da Itália no fim do século XIX e no começo do século XX fora não só o ambiente ideal, como fora a consequência “perfeita” para proliferação do Fascismo, politicamente, o século XX fora o século do coletivismo revolucionário (Gregor, 2021), tal realidade fora o ponto crucial para a maturação do Fascismo como uma ideologia, o liberalismo e seu *laissez-faire* que haviam ganhado muita força no Século XIX se viam diante de diversas contendidas, países imperialistas dominando outras nações, as soberanias nacionais ameaçadas, e o mais importante, as condições extremamente precárias para os trabalhadores adjunto a exploração desenfreada (Gregor, 2013).

O marxismo enfrentou esse problema na tentativa de resolvê-lo, mas, após a morte de Engels e Marx, seus fundadores, não houve mais liderança fiel à doutrina, o que abriu espaço para revisionismos⁴ (Gregor, 2021). Observou-se, então, uma falha significativa nas previsões marxistas, pois, em vez de realizar a revolução, o proletariado estava se aburguesando⁵.

Se a revolução e a consciência de classe não mais surgiriam automaticamente das falhas do capitalismo, era necessário descobrir o que poderia suscitar a consciência de classe e impelir a classe revolucionária à revolução, o próprio leninismo fora uma dessas deturpações que visava encontrar a nova força motriz da revolução, e embora a maior “experiência socialista”, na época em que foi concebido, era visto com maus olhos por parte de renomados marxistas como Karl Kautsky e Rosa Luxemburgo, devido a completa mutação da doutrina clássica (Gregor, 2013).

Outra dessas correntes revisionistas fora o “sindicalismo-revolucionário” de George Sorel, Sorel, após se distanciar cada vez mais do materialismo marxista, passou a acreditar que o que levava o proletário a agir era “o mito” da revolução, este mito então, funciona como uma ideia, a força motriz das massas, desta forma, a associação no sindicato gerava a possibilidade da valorização das concepções heroicas, e unia o proletário para que fossem atrás de sua revolução, possibilitando que o proletário transcenda através do trabalho (Eigen, 2023):

Os sindicalistas recorrentemente falavam em uma transformação dos trabalhadores por meio da “filiação organizacional” que iniciaria o processo pedagógico do proletariado fomentando não só a capacidade de revolução, mas também os novos valores antiburgueses e antiliberais. Quando se fala em “criar novos valores” está se falando de um ativo processo de mudança psicológica na mente das massas proletárias, conforme Sergio Panunzio disse: “Graças às organizações sindicais de hoje”, as massas trabalhadoras “tornaram-se forças inteligentes, conscientes e orgânicas”, motivo pelo qual o “sindicato marca um alto grau de perfeição, ou elevação, na evolução mental, psicológica, moral e social do proletariado” (Roberts, 1979, p. 67, tradução nossa).

A diferença substancial entre Lenin e Mussolini basicamente se resume no fato de que Mussolini admitiu que o marxismo clássico era falho para explicar a totalidade das relações pessoais, se apegando ao revisionismo realizado por Georges Sorel⁶, se distanciando cada vez mais da doutrina clássica, compreendendo que haviam diversas interpretações do marxismo, cada qual com seus méritos, enquanto

⁴ O revisionismo iniciado por Eduard Bernstein ocorreu, pois, conforme o tempo passava, as previsões propostas por Marx e Engels para a derrocada do capitalismo e o advento da revolução se mostrava cada vez mais incorreta. (GREGOR, 2021).

⁵ O próprio Engels, antes de sua morte, havia notado o aburguesamento do proletário inglês, que cada vez mais perdia seu caráter revolucionário e se juntava a seus patrões (EIGEN, 2023, p. 108)

⁶ Para uma análise completa do sindicalismo revolucionário de Georges Sorel e como Mussolini se inspirou para a concepção do fascismo cf. Aguiar da Silva, L. G. C, 2019.

Lenin, até a sua morte, teimou em achar que seu Marxismo era o mesmo que os dos seus fundadores (Gregor, 2021, p. 461).

Vale destacar que em um determinado trecho em *La Dottrina Del Fascismo*, Mussolini (1961, p. 122) assevera que desde que Bernstein começou seu revisionismo no marxismo, não mais existe apenas “um socialismo”, mas sim, diversas vertentes, e que o fascismo possuía muita inspiração no sindicalismo revolucionário de Georges Sorel, e em outros socialismos pragmáticos (distanciados do materialismo clássico).

Outros importantes elementos que contribuíram para a concepção do fascismo foram o nacionalismo orgânico, destinado a ser a “comunidade final dos indivíduos” e o idealismo filosófico de Giovanni Gentile. A evocação do nacionalismo como comunidade final dos indivíduos tem destaque em meados começo do Século XX, diversos eram os pensadores que buscavam entender as influências da nação na vida do povo “a nação é a maior forma de vida coletiva possível na prática, “tendo evoluído durante séculos e fundamentada pela afinidade que seus membros compartilham” (Corradini, pp. 24-25, apud Eigen, 2023, p. 238).

Tal evocação do nacionalismo se tornou ainda mais clara durante a primeira guerra, com o início da guerra e com a necessidade de tomar uma decisão, os socialistas se viam diante de uma contenda, o Partido Socialista Italiano se manteve neutro e foi contra a entrada na guerra, socialistas radicais exigiam uma resposta, e quando ela veio, ficou nítido que o internacionalismo socialista-marxista era falho, o proletário que deveria estar unido para combater a burguesia (segundo a doutrina marxista), estava na verdade, lutando contra o proletário de outras nações, a neutralidade do partido socialista perante a situação, para alguns e para o próprio Mussolini, só demonstrou que não havia possibilidade de um socialismo sem nacionalismo (Gregor, 2013, p. 152):

Não só os teóricos do socialismo não compreenderam as realidades históricas que a guerra, aprovada por todos os partidos socialistas da Europa, tão evidenciara, como a posição assumida pelo Partido Socialista condenou o socialismo italiano a uma inatividade degradante. Os socialistas a esta altura, não teriam mais feito história, mas teriam sofrido. Os radicais exigiam uma decisão: os socialistas queriam permanecer firmemente ancorados a neutralidade absoluta, mas tinham que afirmar sua intenção de operar de tal forma que uma possível declaração de guerra representasse o sinal para uma insurreição popular. Mas o partido recusou-se categoricamente a assumir tal posição. O internacionalismo socialista foi fundado na suposta identidade dos interesses da classe trabalhadora de todas as nações. Essa identidade se provou fictícia (GREGOR, 2013, p. 152).

Por fim, o idealismo filosófico de Giovanni Gentile pode ser considerado o cerne espiritual do Fascismo, é Gentile quem legitima o totalitarismo fascista, criando assim a noção do Estado “neo-hegeliano fascista” e seu sentido de ser, compreendendo que os indivíduos só possuem valor quando estão unidos em uma comunidade, e o Estado é a representação máxima dessa comunidade, pois sem o Estado não há a comunidade (Eigen, 2023, p. 271).

O Fascismo então, é uma “simbiose perfeita”, entre um sindicalismo revolucionário que visava “corrigir” os erros do marxismo determinista e elevar a classe proletária a sua revolução através da união em sindicatos, atrelado ao sentimento de pertencimento a uma nação, sendo postulado que apenas o Estado é que pode organizar os sindicatos e a sociedade, justificando toda sua atuação de “leviatã”:

Nos primeiros comícios do movimento fascista falava-se em “corporativismo” (definido com este termo a elaboração ideológica socioeconômica derivada do nacional-socialismo); um princípio que teorizou o equilíbrio entre vários órgãos da produção a partir do postulado de que os trabalhadores, técnicos e empresários da nação, todos enquadrados nos órgãos de decisão do Estado, deviam ser considerados como parte integrante do ambiente em que eles emprestaram seu trabalho e não mais uma simples ferramenta. O trabalho, nesta concepção ascendeu ao papel de valor moral, motor e pivô da sociedade cujo objetivo último era assegurar o bem-estar, tanto moral como material, de toda a nação. Os interesses do indivíduo deveriam estar subordinados aos da comunidade nacional representante do Estado (Piraino; Fiorito, 2008, pp. 12-13, tradução nossa).

Deste modo, o Fascismo foi um movimento revolucionário que visava destruir o establishment político liberal da época e elevar a nação italiana ao patamar de grande potência através de um

corporativismo-sindical, uma ideologia baseada na valorização do trabalho e em um Estado totalitário representante de toda a comunidade nacional, que combatia o liberalismo, o socialismo internacionalista e o parlamentarismo democrático, produto da simbiose entre nacionalismo orgânico e socialismo antimarxista, sendo uma ideologia revolucionária, pois se opunha radicalmente à ordem existente e à civilização liberal (Gentile, 2013, p. 281).

Segundo o próprio Mussolini, “frente às doutrinas liberais, o fascismo adota uma atitude de absoluta oposição, tanto no campo político quanto no econômico” (Mussolini, 1961, p. 127), de certo, o Fascismo não fora um movimento do grande “capital-financeiro” ou uma ditadura de representação da “extrema-direita”, mas sim, fora uma consequência perfeita da realidade política italiana, advinda de uma intelectualidade coletivista, antiliberal, socialista e sindicalista (Gregor, 2013, p. 100).

À luz do exposto, torna-se inegável que o Fascismo tem sua genitura na esquerda política-revolucionária, este fora considerado o natural herdeiro da revolução socialista, Enrico Ferri, exímio pensador socialista, afirmará que o partido socialista foi o pai natural do Fascismo (EIGEN, 2023, p. 414), a grande maioria dos primeiros teóricos do Fascismo eram socialistas, sindicalistas e marxistas (Sternhell, 1994; Gregor, 2000), muitos teóricos fascistas posteriormente reconheceram as afinidades entre o Fascismo e o Marxismo-Leninismo (Gregor, 2000).

Havia até mesmo marxistas-leninistas italianos, incluindo um dos fundadores do Partido Comunista Italiano que conceberam o Fascismo como a única forma viável de Marxismo para determinadas comunidades economicamente atrasadas, muitos outros reconheceram o mesmo, e muitos ofereceram confirmação não apenas adotando, mas também o justificando (Gregor, 2000, p. 168).

No entanto, conforme pontua Messina (2013, p. 53) “é incorreto atribuir ao fascismo a uma categoria de ‘direita’ ou ‘esquerda’, adjetivos estes que se tornam enganosos para uma compreensão do projeto totalitário fascista, que sempre evitou uma exemplificação tão errônea e simplista”, o Fascismo não representava nem a “direita” nem a “esquerda”, era uma ideologia única “algo típico do século XX, um movimento elitista solidarista voltado para as massas, cujo o significado só pode ser compreendido através do estudo da ideologia Fascista”.

Sua doutrina é a confluência de correntes ideologias tanto de “esquerda” quanto de “direita”, desde sindicalistas revolucionários como Olivetti, Panunzio, até nacionalistas como Alfredo Rocco e Dino Grandi contribuíram para o advento fascista (Gregor, 2013, p. 185).

Sobretudo, a ideologia fascista não é assimilável a qualquer conceituação partidária das democracias-liberais, não pode de forma alguma ser atribuída a determinado viés político, a ideologia fascista representou um projeto político extremamente articulado e singular que desde 1945 não encontrou mais nenhum reflexo idêntico (Messina, 2013, p. 128-129).

Pode se compreender que o Fascismo como ideologia, aspirava fundir toda a população em uma comunidade nacional orgânica, sendo o Estado a única representação legítima desta comunidade, combatia a democracia parlamentar baseada no pluralismo de partidos, pois viam-na como geradora de divisões dentro do povo, buscando erradicar o conflito de classe através do estabelecimento do sistema corporativo, baseado na solidariedade coletiva, promovendo a violência como meio legítimo de ação política em casos de emergência e para a defesa dos interesses nacionais, afirmando o primado da política sobre a economia e pretendendo colocar o capital e a propriedade privada a serviço da comunidade para fins produtivos, defendendo uma concepção de mundo que opõe a ao materialismo e por fim com o objetivo de estabelecer um regime sobre uma nova ordem cultural (Tarchi, 2015, p. 129).

O Fascismo, desde a sua concepção até sua maturação, fora composto por diversos elementos intelectuais, ao analisar a elaboração profascista e sua prática como regime, é evidente que o embora possa ter servido de inspiração para determinadas ideologias, não se confunde com tais, sendo, portanto, uma ideologia única e específica da Itália de 1920 a 1945.

5 CONCLUSÕES

Pode-se concluir que o Fascismo é uma ideologia complexa e multifacetada. Um estudo simplista e generalizante dessa ideia provavelmente resultará em análises superficiais que não contribuem para uma compreensão sólida do fenômeno.

É inadequado reduzir um movimento revolucionário, corporativista e idealista, repleto de intelectuais e obras, a meras categorias como “violência”, “reacionarismo”, “capital financeiro” e “extrema-direita”. Por décadas, o estudo do Fascismo foi deixado ao sabor de interpretações políticas e ideológicas,

que frequentemente distorceram seu conceito original bem documentado, transformando-o praticamente em seu oposto.

Para evitar o esquecimento total da história, é essencial realizar um estudo sério, baseado em fontes primárias e livre de preconceitos. Apenas dessa forma é possível contextualizar adequadamente o fenômeno e, se necessário, prevenir uma possível volta do fenômeno fascista. Atualmente, diversos fenômenos que ameaçam o regime democrático e possuem mecanismos que os agentes do Fascismo original nem poderiam ter imaginado.

Basta analisar os recentes discursos populistas, nacionalistas e demais, que atualmente são adequados como “discursos fascistas”, para notar que em nada se assemelham com o fascismo de Benito Mussolini. Em que pese as práticas violentas e antidemocráticas, nenhuma ditadura da América do Sul se viu como uma nova ideologia de mundo, acompanhada de uma noção sindicalista-corporativista de um Estado educador, pautado na ideia da realização espiritual através da sindicalização-estatal.

Portanto, não é prudente classificar esses movimentos contemporâneos como meras reativações de ideologias passadas. A democracia deve permanecer vigilante em relação às novas manifestações de movimentos totalitários, a fim de identificá-los e neutralizá-los rapidamente.

Analisar o movimento fascista é de extrema importância, pois práticas do passado podem se repetir em movimentos futuros. No entanto, é crucial entender que, embora diversos regimes compartilhem semelhanças, isso não os torna homogêneos. A análise do presente não deve ser enviesada pela retrospectiva histórica, especialmente quando enfrentamos desafios complexos ao futuro do regime democrático, que podem ser ainda maiores do que os do Século XX.

REFERÊNCIAS

BARROS, Alberto da Rocha. **O que é fascismo**. Rio de Janeiro: Editora Laemmert, 1969.

DE FELICE, Renzo. **Intervista sul fascismo**: a cura di Michael A. Ledeen. Bari: Editori Laterza. 1975.

_____, Renzo. **Mussolini il rivoluzionario**. Torino: Einaudi Editori, 1965.

_____, Renzo. **Mussolini il fascista**: la conquista del potere (1921-1925). Torino: Einaudi Editori, 1969.

DIMITROFF, Georgi. **Working class unity – bulwark against fascism**: the fascist offensive and the tasks of the communist international in the fight for the unity of the working class against fascism. New York: Workers Library Publishers, 1935.

ECO, Umberto. **O Fascismo Eterno**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

EIGEN, João F. D. **O fascismo como ideologia e a revolta totalitária**. Curitiba: Editora Appris, 2023. DOI: <https://doi.org/10.18366/9786525047478>

GOESCHEL, Christian. Prefazione. In: DE FELICE. **Mussolini e Hitler**: i rapporti segreti 1922-1933. Bari: Editori Laterza, 2013.

GORLA, Filippo; BATTENTE, Saverio; BRESCHI, Danilo; CAMPI, Alessandro; CARLES, Francesco; CAVALLERA, Hervé A.; CERRA, Andrea Giuseppe; COCO, Orazio; GRAY, Philip W.; MAZZONE, Stefania; MESSINA, Antonio; PETROSILLO, Lorenzo Vittorio; SIDERI, Rodolfo; STEFANACHI, Corrado; TEDESCO, Luca; WAKEFIELD, James R. M. **La “peste psíquica”: A. James Gregor e le interpretazioni psicanalíticas del fascismo**. In: *Comprender il Novecento tra storia e scienze sociali: La ricerca di A. James Gregor*, a cura di Antonio Messina; prefazione di Alessandro Campi. Soveria Mannelli: Rubettino Editore, 2021, p. 66-85.

GENTILE, Emilio. **Chi è fascista?**. Bari: Editori Laterza, 2019.

_____, Emilio. **E fu subito regime: Il fascismo e la marcia su Roma**. Bari: Editori Laterza, 2012.

_____, Emilio. **Fascismo: teorie e Interpretazione**. Bari: Editori Laterza, 2013.

_____, Emilio; DI SCALA, S.M. **Mussolini 1883-1915: triumph and transformation of a revolutionary socialist**. New York: Palgrave Macmillan, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1057/978-1-137-53487-3>

GREGOR, A. James. **L'ideologia del fascismo: Il fondamento razionale del totalitarismo**. Roma: Lulu, 2013.

_____, A. James. **Marxismo, fascismo e totalitarismo: capítulos na história intelectual do radicalismo**. Campinas: Vide Editorial, 2021.

_____, A. James. **Mussolini Intellectual's: fascist social and political thought**. Princeton: University Press, 2005.

_____, A. James. **Phoenix, fascism in our time**. Londres: Routledge, 2017.

_____, A. James. **The faces of janus: marxism and fascism in the twentieth century**. Connecticut: Yale University Press, 2000.

_____, A. James. **The search for neofascism: the use and abuse of social science**. New York: Cambridge University Press, 2006.

_____, BARDÈCHE, M.; EISERMANN, G.; ERRA, E.; FREUND, J. VOLPE, Giovanni. **Autopsia di una invertista**. In: **Sei risposte a Renzo De Felice**. Roma: Giovanni Volpe Editore, 1976. p. 129-142.

GRIFFIN, Roger. **The Nature of Fascism**. London: The Pinter Press, 1991.

KONDER, Leandro. **Introdução ao Fascismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MESSINA, Antonio. Prefácio In: EIGEN. **O fascismo como ideologia e a revolta totalitária**. Curitiba: Editora Appris, 2023.

_____, Antonio. **Lo stato corporativo: sintesi dell'ideologia fascista**. Roma: Lulu. 2013.

MASCARO, Alysson; DEVULSKY Alessandra. **Crítica do Fascismo**. São Paulo: Boi Tempo Editorial, 2022.

MUSSOLINI, Benito. **Opera Omnia, Vol I**. Socialismo e movimento sociale nel secolo xix. Dagli inizi all'ultima sosta im romagna. A cura Edoardo e Duilio Susmel. Firenze: La Fenice, 1951.

_____, Benito. **Opera Omnia, Vol IV**. la situazione internazionale e i'atteggio del partido. A cura Edoardo e Duilio Susmel. Firenze: La Fenice, 1952a.

_____, Benito. **Opera omnia. Vol XXXIV.** La dottrina del fascismo. A cura Edoardo e Duilio Susmel. Firenze: La Fenice, 1961.

_____, Benito. **Opera Omnia, Vol V.** Note di Guerra. A cura Edoardo e Duilio Susmel. Firenze: La Fenice, 1952b.

PIRAINO, Marco; FIORITO, Stefano. **L'Identità Fascista. Progetto politico e dottrina del fascismo.** Roma: Lulu, 2008.

PETROSILLO, Lorenzo Vittorio; BRESCHI, Danilo; MESSINA, Antonio; GRAY, Philip W.; STEFANACHI, Corrado; CAVALLERA, Hervé A.; MAZZONE, Stefania; WAKEFIELD, James R. M.; CERRA, Andrea Giuseppe; COCO, Orazio; CARLESI, Francesco; TEDESCO, Luca; SIDERI, Rodolfo; BATTENTE, Saverio; CAMPI, Alessandro. **La “peste psichica”: A. James Gregor e le interpretazioni psicanalitiche del fascismo.** In: *Comprendere il Novecento tra storia e scienze sociali: La ricerca di A. James Gregor, a cura di Antonio Messina; prefazione di Alessandro Campi.* Soveria Mannelli: Rubettino Editore, 2021.

ROBERTS, David D. **The Syndicalist tradition and Italian fascism.** Chapel Hill: The University of North Caroline Press, 1979.

SALATINI, Rafael. Norberto Bobbio - Do fascismo a democracia: os regimes, as ideologias, os personagens e as culturas políticas. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 1, p. 361–371, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/1547>. Acesso em: 24 fev. 2024.

SILVA, Luiz Gonçalves Cavalcante Aguiar da. **As origens socialistas do fascismo: do internacionalismo proletário ao nacionalismo das massas.** 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <<https://www.unirio.br/cchs/ppgh/producao-academica/dissertacoes-de-mestrado-e-egressos-pasta/arquivos/LUIZGONCALVESCAVALCANTEAGUIARDASILVAPPGHUNIRIOD.pdf>>Acesso em: 01 jan. 2024.

STANLEY, Jason. **How fascism works: the politics of us and them.** New York: Random House, 2018.

STERNHELL, Zeev. **The Birth of Fascist Ideology: From Cultural Rebellion to Political Revolution.** New Jersey: Princeton University Press, 1994. DOI: <https://doi.org/10.2307/20046694>

TARCHI, Marco. **Fascismo. Teorie, interpretazione e modelli.** Bari: Editore Laterza, 2003.
VOLPE, Giovanni; BARDÈCHE, M.; EISERMANN, G.; ERRA, E.; FREUND, J.; GREGOR, A. James. **Prefazione.** In: *Sei risposte a Renzo De Felice.* Roma: Giovanni Volpe Editore, 1976.

VYSHINSKY, A. Y. **Trotskyism: in the service of fascism against socialism and peace.** New York: Workers Library Publisher, 1936.